

## **O BALÉ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

LUIZ ALBERTO DOS SANTOS  
E.E. PASTOR JOÃO NUNES

O presente relato descreve a tentativa de trabalho com o Currículo Cultural em uma escola estadual localizada no bairro Jardim Centenário, município de Guarulhos, região da grande São Paulo, com a turma do 3º ano B do ensino fundamental I. O trabalho durou cinco meses, sendo realizado no segundo semestre de 2013. A rede estadual de ensino, na modalidade do Ensino Fundamental I, não possui orientações curriculares para a Educação Física. No ano de 2013, alguns projetos foram criados pela secretaria estadual de educação com a contribuição de professores da rede, na intenção de orientar a prática pedagógica dos demais educadores, porém, no meu entender esses projetos não conversam com a sociedade atual, permeada pela diversidade cultural e centrada na cultura. Por conta dessas questões, o Currículo Cultural presente na rede municipal de São Paulo também foi colocado em prática na rede estadual de ensino. Procurando atender um dos princípios do Currículo Cultural em questão, alguns objetivos do projeto político pedagógico da unidade escolar nortearam o planejamento das aulas de Educação Física, tais como: Promover a integração escola-comunidade, e; promover o combate a qualquer tipo de discriminação social, de gênero, étnico-racial, religioso, sexual, etc. O tema surgiu após diversos diálogos com as crianças, nessas conversas observamos que a dança ainda não tinha sido elencada como tema de estudo nas aulas de Educação Física, atrelado a isto, a turma possuía meninas que praticavam o Balé, pois, na escola havia um projeto com a prática corporal aos finais de semana, além do entorno escolar possuir academias de dança, mais especificamente de Balé.

Para iniciar o estudo e entender o que as crianças conheciam da prática, levei algumas imagens de bailarinos e bailarinas, fazendo perguntas a cada representação exposta. Os meninos, em sua grande maioria, associaram o bailarino à homossexualidade, dizendo que o mesmo era “gay” por usar calça apertada e dançar feito “menininha”, reclamando muito do fato de estarmos estudando e discutindo algo que eles não aceitavam estudar, pois diziam “não querer virar menina”. As meninas logo defenderam os bailarinos e o estudo, a aluna Mariana disse ter meninos na academia onde pratica o Balé, que não são gays e que não iriam se tornar gays por causa

da dança. Também ajudou a ampliar/aprofundar o estudo citando o nome das roupas usadas pelos bailarinos e bailarinas (colant, sapatilha de ponta, tutu), os passos que estavam sendo realizados e explicou que as imagens tratavam do Balé Clássico, existindo também outro tipo de Balé, o Moderno. Além da discussão sobre gênero, perguntei às crianças sobre o corpo dos dançarinos e dançarinas das imagens, elas responderam que era um corpo magro, porém, forte. A aluna Mariana disse que os bailarinos e bailarinas precisam ter muita flexibilidade, força e dedicação para realizar os passos, o corpo deles e delas acaba ficando magro por conta disso.

Para que essas ideias não se perdessem, desde o início do ano letivo registrávamos os acontecimentos de nossa aula em um caderno que ficava com a professora de classe. Combinamos realizar esse registro no coletivo com as crianças relatando oralmente a aula. Suas falas eram registradas na lousa e, ao final escolhíamos uma das crianças para que reescrevesse este texto para o caderno. Assim, poderia orientar melhor as ações seguintes, comparando o registro das crianças e o que realiza durante as aulas. Como o caderno ficava com a professora, qualquer outra ideia que não tivesse sido exposta naquele instante poderia ser registrada noutro momento pelas crianças.

Na aula seguinte acessamos vídeos do Balé Clássico e do Balé Moderno na sala de vídeo da escola, no momento da leitura as crianças eram indagadas e convidadas a falar sobre as diferenças de cada tipo (modo de dançar, roupas usadas, pessoas que dançavam), percebendo que no Balé Moderno a dança é mais no chão do que no Clássico, que é mais em pé, as roupas no Balé Moderno são diferentes e não usam sapatilha e os bailarinos e bailarinas não precisam ser magros/as para dançar. As meninas que praticavam o Balé fora da escola disseram ser o Clássico aquele que elas faziam nas academias. Durante a aula, alguns meninos como o Matheus disse que os homens pareciam “viados” dançando, que o Balé não era “coisa” para homem fazer. Após essa conversa, expliquei que iríamos estudar somente o Balé Clássico, já que tínhamos meninas que poderiam nos ajudar com o estudo com seus conhecimentos.

Nesses diálogos com a turma pude perceber o conhecimento que as crianças possuem em relação ao tema e orientar o trabalho acerca das seguintes expectativas de aprendizagens: “identificar aspectos nominais e factuais referentes ao Balé (vestimenta, passos, contexto histórico, significado da dança)” e; “Posicionar-se criticamente com relação aos discursos que atribuem valores pejorativos à dança investigada, adotando postura respeitosa nas diversas vivências”.

Para dar prosseguimento ao estudo, começamos a discussão sobre os passos do Balé Clássico, as meninas que tinham experiência com a dança mostraram o que conheciam e ajudaram as outras crianças a vivenciar, sempre tendo à frente a aluna Mariana como “professora de Balé” como era chamada pelas demais crianças. Os meninos que se arriscavam a participar eram chamados de “bichas” por outros que resistiam ao estudo. Na sequência das aulas, organizamos a vivência dos passos na sala de informática e na sala de aula com ajuda de tutoriais e papeis com o passo a passo, já que nas discussões as crianças não queriam realizar na quadra a vivência da dança, pois diziam ter vergonha das pessoas que passavam pelo local, que era movimentado. No decorrer dessas aulas as meninas traziam as roupas que usavam para dançar nas academias, apresentando-as à turma.

Nas aulas seguintes, para discutir com as crianças a respeito do contexto de criação do Balé e do preconceito sofrido pelo bailarino, pesquisei alguns artigos<sup>1</sup> na internet que ajudaram a compreender melhor essas questões, explicando que na sua origem, o Balé era dançado somente por homens, o que chamou atenção da turma e certa curiosidade de alguns meninos, que perguntaram por que somente o homem dançava. A partir das pesquisas realizadas, expliquei à turma os acontecimentos da época que impediam as mulheres de participar e o que levou os homens a se afastarem da dança com o passar dos anos. Após minha fala, o aluno Matheus disse ter falado ao seu avô que estava estudando Balé na escola, e este perguntou ao neto se ele estava querendo “virar viado”. Perguntei à turma o que achavam da fala do avô do Matheus, alguns meninos logo concordaram, as meninas discordaram dizendo ser preconceito com quem dança Balé.

Para continuarmos esta discussão, organizei a aula na sala de vídeo para assistirmos parte do filme *Billy Elliot*<sup>2</sup>. Esta parte retratava a não compreensão do pai ao descobrir que seu filho dançava Balé. O pai não aceitava porque dizia não ter criado filho homem para ser “maricas” e fez com que Billy continuasse frequentando aulas de

---

<sup>1</sup> Os nomes dos artigos encontram-se nas referências bibliográficas.

<sup>2</sup> Drama/comédia do diretor inglês Stephen Daldry, produzido no ano 2000, que conta a história de um garoto de 11 anos (Billy Elliot) que mora com seu pai, irmão e sua avó. Seu pai o coloca nas aulas de Boxe mesmo sem o seu consentimento, porém, ao presenciar uma aula de Balé, Billy descobre sua vocação para dança. Começa a participar das aulas de Balé escondido de seu pai que, ao descobrir o proíbe de continuar. Mesmo assim, com ajuda de sua professora, Billy segue com as aulas escondido de sua família.

boxe. Antes de realizarmos a leitura, pedi para as crianças observarem a postura do pai e das outras pessoas que conviviam com Billy, pedi para observarem também como eram as aulas de Balé no filme. Na conversa as crianças perguntaram se a história do filme era verdade, expliquei que se tratava de uma história fictícia, mas muito parecida com a que estávamos passando nas aulas. O aluno Matheus disse que teria a mesma postura do pai se o seu filho fizesse Balé, o aluno Igor disse que faria a mesma coisa também, já os alunos Marcos e Guilherme foram contra a atitude e tiveram apoio das meninas. O aluno Malon fez uma pergunta em relação ao filme, sua dúvida era a respeito do preconceito, não entendia como eram somente homens que dançavam Balé na sua origem e agora “não” poder mais. Indaguei a turma com a mesma fala do Malon, as crianças disseram que os homens pararam de dançar porque o preconceito é grande, outras disseram que os pais não deixavam por medo de os meninos “virarem” meninas, assim como a fala do pai no filme.

Com ajuda das pesquisas realizadas anteriormente, levei um texto à turma que atrelava as mudanças e transformações ocorridas no Balé durante os anos a sua profissionalização quando chegou à França, sendo um trabalho mais voltado às mulheres por ser considerado delicado, já para os homens o trabalho deveria ser relacionado à força física. Quem “desviasse” desse caminho poderia ter sua masculinidade ou feminilidade posto à prova por todos, justamente como acontece hoje em dia em nossa sociedade. Após essa fala, a aluna Mariana disse que o Balé é para todo mundo, independente se homem, mulher, ou homossexual, pois cada um tem seu direito de ser e fazer o que quiser. Alguns não concordaram com ela, dizendo que homem tem que jogar bola, lutar e não dançar Balé.

As ações seguintes a essas falas pautaram-se em fazer com que as crianças pudessem acessar discursos de pessoas que praticavam o Balé. Para isso organizamos uma entrevista com uma Professora de Balé que trabalhava na academia onde a aluna Mariana frequentava. Elaboramos perguntas antes da entrevista e neste momento também pude avaliar o entendimento das crianças em relação ao trabalho. Na entrevista, as crianças puderam conhecer outras vestimentas, a sapatilha de ponta e acessar outros discursos referentes à dança e o preconceito existente em relação aos bailarinos. Ao final da entrevista a professora convidou as crianças para fazerem uma aula de Balé e todas, sem exceção, participaram da vivência, o que dificilmente teria acontecido em outros momentos do estudo.

Continuando a ampliação e aprofundamento sobre o Balé, visitamos a academia<sup>3</sup> de dança onde a Mariana era aluna, também elaboramos perguntas para entrevistar as bailarinas e os bailarinos que estivessem no dia e, além de termos a oportunidade de conhecer o espaço e participar de uma aula. Conhecemos o Guilherme, bailarino que nos contou sua história na dança e o preconceito que sofre em outros espaços, também respondeu perguntas das crianças e nos contou de sua luta para ser reconhecido como bailarino e poder viver do que mais gosta. Após a visita, conversamos e a turma foi unanime em citar como melhor parte da visita ter conhecido um bailarino, pois puderam saber o que pode causar o preconceito a quem o sofre de fato, mas que nem por isso devemos desistir de lutar para fazer aquilo que gostamos e nos sentimos bem.

Para finalizar o estudo e avaliar os procedimentos, ações e caminhos seguidos, elenquei outra expectativa de aprendizagem: “elaborar formas de registro considerando o estudo da prática corporal/cultural em questão”. Mostrei às crianças os registros feitos por elas e os que realizei, explicando que poderíamos encerrar o trabalho construindo algo que pudesse ser visto e utilizado por outras pessoas da escola. Surgiram das crianças duas ideias, a confecção de um livro ou de cartazes que pudessem ser fixados nas paredes da escola. Em processo de votação, a maioria aceitou fazer o “Livro do Balé”, onde pontuaram o que estudamos durante o percurso e, em grupos foram relatando o que haviam entendido do Balé. Ao término da construção do livro, a direção da escola tirou cópias que foram entregues para cada criança da turma e o original foi entregue à biblioteca da escola. A aluna Mariana também sugeriu que apresentássemos os passos que aprendemos durante a aula somente para a turma e, organizamos essa apresentação. Muitas crianças, inclusive meninos participaram da vivência, não havendo mais brincadeiras em tom pejorativo aos meninos que participaram como aconteceu nas outras aulas.

Através de filmagens das falas das crianças respondendo perguntas sobre o estudo, pude perceber que as expectativas de aprendizagem foram alcançadas. Porém, nos demais registros algumas fissuras e desalinhos também foram notados, como por exemplo, analisar e dialogar somente as questões de gênero, deixando de analisar e explorar outros marcadores sociais que estão presentes no Balé e aprofundar mais os

---

<sup>3</sup> Antes de propor esta ação, fui até a academia para permitirem a visita e a entrevista das crianças. Após isso, a direção foi comunicada e solicitou aos responsáveis a autorização da ida ao espaço. Como a mesma ficou preocupada em irmos a academia a pé, disponibilizou uma perua escolar para levar toda a turma a academia.

conhecimentos acerca da prática corporal estudada. Mesmo assim, penso que o trabalho contribuiu para novas significações da dança nas aulas de Educação Física e para conhecermos mais sobre o Balé.

### **Referências Bibliográfica**

ASSIS, Marília Del Ponte de; SARAIVA, Maria do Carmo. *O feminino e o masculino na dança: das origens do Balé à contemporaneidade*. Movimento. Porto Alegre, v. 19, p. 303 – 323, abr/jun de 2013.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTOS, Tatiane Mielczarski dos. *Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana: a performance artística do Balé Clássico como performance de gênero*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SÃO PAULO. **Orientações curriculares e proposições de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo II: Educação Física**. SME/DOT. 2012.